Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação — REASE

doi.org/10.51891/rease.v12i11.33023

O USO PRECOCE E EXCESSIVO DE TELAS E O DESENVOLVIMENTO INFANTIL: UMA REVISÃO INTEGRATIVA

EARLY AND EXCESSIVE SCREEN USE AND CHILD DEVELOPMENT: AN INTEGRATIVE REVIEW

USO TEMPRANO Y EXCESIVO DE PANTALLAS Y DESARROLLO INFANTIL: UNA REVISIÓN INTEGRADORA

Adrielle da Silva Carvalho[1]
Sara Raquel de Carvalho[2]
Maria Letícia Vaz Lages[3]
Tainá da Silva Dias[4]
Kelly Calaça Bezerra[5]
Anne Heracléia de Brito e Silva[6]

RESUMO: O uso precoce e excessivo de telas na infância constitui uma questão relevante, considerando suas possíveis repercussões no desenvolvimento cognitivo, comportamental e social. Nesse contexto, é importante compreender como a exposição aos dispositivos digitais pode influenciar essa etapa da vida. O presente estudo teve como objetivo analisar as possíveis implicações do uso precoce e excessivo de telas no desenvolvimento infantil. Trata-se de uma revisão integrativa da literatura, de natureza bibliográfica, realizada nas bases PubMed, Google Acadêmico e SciELO, com publicações entre 2022 e 2026. Após a aplicação dos critérios de inclusão e exclusão, foram selecionados 15 artigos para compor a pesquisa. Os resultados apontaram que os recursos digitais podem favorecer a aprendizagem, a criatividade e as habilidades cognitivas quando utilizados adequadamente. Entretanto, a exposição excessiva pode estar associada a dificuldades de atenção, concentração, linguagem, regulação emocional e socialização. Verificou-se também que o tempo de exposição, a qualidade dos conteúdos e a mediação familiar são fatores importantes nessa relação. Conclui-se que as implicações do uso de telas dependem das condições de utilização, sendo fundamentais o estabelecimento de limites, o acompanhamento dos responsáveis e a preservação de experiências presenciais.

Palavras-chave: Desenvolvimento Infantil. Tempo de Tela. Mediação Familiar.

ABSTRACT: Early and excessive screen use during childhood is a relevant concern, given its potential implications for cognitive, behavioral, and social development. In this context, it is important to understand how exposure to digital devices may influence this stage of life. This study aimed to analyze the possible implications of early and excessive screen use for child development. This is an integrative literature review of a bibliographic nature, conducted using the PubMed, Google Scholar, and SciELO databases, covering publications from 2022 to 2026. Following the application of the inclusion and exclusion criteria, 15 articles were selected for the study. The results indicated that digital resources may promote learning, creativity, and cognitive skills when used appropriately. However, excessive exposure may be associated with difficulties in attention, concentration, language development, emotional regulation, and socialization. It was also found that screen time, content quality, and parental mediation are important factors in this relationship. It is concluded that the implications of screen use

[1] Discente do curso de Psicologia na Universidade UNICHRISFAPI.
[2] Discente do curso de Psicologia na Universidade UNICHRISFAPI.
[3] Discente do curso de Psicologia na Universidade UNICHRISFAPI.
[4] Discente do curso de Psicologia na Universidade UNICHRISFAPI.
[5] Discente do curso de Psicologia na Universidade UNICHRISFAPI.
[6] Psicóloga e Docente/ Dra. em Ensino e Orientadora, Facime/Uespi.

depend on the conditions under which digital devices are used, highlighting the importance of establishing limits, parental supervision, and preserving face-to-face experiences.

Keywords: Child Development. Screen Time. Parental Mediation.

RESUMEN: El uso temprano y excesivo de pantallas durante la infancia constituye una cuestión relevante, considerando sus posibles repercusiones en el desarrollo cognitivo, conductual y social. En este contexto, es importante comprender cómo la exposición a los dispositivos digitales puede influir en esta etapa de la vida. El presente estudio tuvo como objetivo analizar las posibles implicaciones del uso temprano y excesivo de pantallas en el desarrollo infantil. Se trata de una revisión integradora de la literatura, de carácter bibliográfico, realizada en las bases de datos PubMed, Google Académico y SciELO, con publicaciones comprendidas entre 2022 y 2026. Tras la aplicación de los criterios de inclusión y exclusión, se seleccionaron 15 artículos para integrar la investigación. Los resultados señalaron que los recursos digitales pueden favorecer el aprendizaje, la creatividad y las habilidades cognitivas cuando se utilizan adecuadamente. Sin embargo, la exposición excesiva puede estar asociada con dificultades de atención, concentración, desarrollo del lenguaje, regulación emocional y socialización. También se constató que el tiempo de exposición, la calidad de los contenidos y la mediación familiar son factores importantes en esta relación. Se concluye que las implicaciones del uso de pantallas dependen de las condiciones de utilización, por lo que resulta fundamental establecer límites, contar con la supervisión de los responsables y preservar las experiencias presenciales.

Palabras clave: Desarrollo Infantil. Tiempo de Pantalla. Mediación Familiar.

INTRODUÇÃO

Ultimamente, o uso da tecnologia passou a fazer parte da vida de muitas famílias e vem afetando a forma como vivem e interagem com o mundo. Essa realidade vai desde a vida adulta até a infância, ocorrendo tanto no trabalho quanto em casa, como quando a criança se distrai assistindo a vídeos. É nessa fase que a presença de telas se torna mais delicada, já que a infância corresponde a um período importante para a formação dos aspectos comportamentais, cognitivos e sociais do indivíduo. Quando o acesso aos dispositivos eletrônicos ocorre de forma precoce e excessiva, surgem questionamentos sobre suas possíveis consequências para o desenvolvimento infantil, especialmente quando as telas passam a substituir brincadeiras, conversas e momentos de exploração.

Nesse sentido, o contato das crianças com aparelhos eletrônicos vem acontecendo cada vez mais cedo, em uma sociedade na qual a tecnologia está presente desde a primeira infância. Embora isso não ocorra da mesma maneira em todas as famílias, para muitas delas o uso diário desses aparelhos faz parte da rotina. Diante de uma rotina marcada por múltiplas exigências, que muitas vezes resulta em sobrecarga e esgotamento, muitos responsáveis recorrem aos eletrônicos como uma alternativa para entreter as crianças e conciliar as demandas do cotidiano. Assim, essa ferramenta deixou de ser um recurso complementar e passou a assumir

um papel importante na rotina familiar e nas relações sociais (Maragni, 2022). Nesse contexto, os responsáveis também exercem influência sobre as escolhas tecnológicas das crianças, podendo afetar positiva ou negativamente seu processo de desenvolvimento (Silva; Souza, 2021).

Ademais, a Sociedade Brasileira de Pediatria (2024) recomenda que crianças abaixo de 2 anos não tenham contato com dispositivos eletrônicos, enquanto para aquelas entre 2 e 6 anos orienta-se não ultrapassar uma hora por dia, sempre acompanhadas de seus responsáveis. Contudo, segundo a pesquisa realizada pelo Instituto Datafolha a pedido da Fundação Maria Cecilia Souto Vidigal (2025), grande parte das crianças brasileiras de até 6 anos faz uso de telas acima dos limites recomendados para a faixa etária. De acordo com os dados, 78% das crianças de até 3 anos e 94% das crianças de 4 a 6 anos utilizam telas diariamente. Essa realidade chama atenção para a necessidade de compreender como uma exposição prolongada desde os primeiros anos de vida pode se relacionar com experiências importantes para o desenvolvimento infantil.

Dessa forma, compreender o processo de formação comportamental, cognitiva e social da criança é essencial, considerando que esses aspectos se desenvolvem a partir da relação entre o indivíduo e as experiências vivenciadas no ambiente. A partir da perspectiva comportamental, a intensificação da exposição às telas pode estar relacionada a mudanças graduais no comportamento, como irritabilidade, ansiedade, respostas impulsivas e dificuldade para lidar com momentos de frustração. No desenvolvimento cognitivo, as vivências e as relações estabelecidas com o ambiente também exercem influência sobre a aprendizagem (Souza; Moraes, 2025).

Vygotsky, por meio da Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP), destaca a relação entre desenvolvimento e aprendizagem, considerando aquilo que a criança consegue realizar sozinha e o que consegue desenvolver com o auxílio de outras pessoas, processo que contribui para a organização de informações, o desenvolvimento do pensamento e a aquisição de habilidades. De igual modo, desde a primeira infância, o contexto social e as interações estabelecidas nele exercem influência sobre o desenvolvimento. Essas trocas são fundamentais para que a criança construa uma noção mais clara de si mesma e do lugar que ocupa, reconhecendo-se como um ser singular e capaz de cooperar com os outros (Santos; Pereira, 2024).

Nesse processo de socialização, os adultos orientam a criança na compreensão de sua cultura, favorecendo sua integração social e uma convivência saudável. Assim, as interações

contribuem para que o indivíduo desenvolva formas de regular emoções, interpretar vínculos e responder às demandas do ambiente. Quando experiências de interação, brincadeiras e exploração são substituídas de forma frequente pelo uso de telas, surgem preocupações quanto às possíveis repercussões desse hábito sobre essas diferentes dimensões do desenvolvimento (Teixeira; Lôbo; Duarte, 2016).

Embora a produção científica sobre o uso de telas na infância tenha aumentado, ainda existem diferentes achados e perspectivas acerca da relação entre a exposição precoce e excessiva e o desenvolvimento infantil. Os estudos consideram diferentes faixas etárias, formas e tempos de exposição, o que pode produzir resultados distintos. Nesse sentido, identifica-se a necessidade de reunir e analisar essas evidências de maneira integrada, especialmente em relação aos aspectos comportamentais, cognitivos e sociais, buscando compreender os principais impactos apontados pela literatura sem desconsiderar as particularidades presentes em cada contexto.

Como destacam Araújo *et al.* (2024), a exposição exagerada às tecnologias na infância pode comprometer aspectos comportamentais, cognitivos e sociais, exigindo maior atenção quanto à forma como esse uso ocorre e aos seus possíveis efeitos sobre o desenvolvimento infantil. Assim, a realização de uma revisão integrativa mostra-se relevante por possibilitar a reunião de diferentes estudos e perspectivas sobre a temática, permitindo identificar os principais achados da produção científica e compreender os fatores relacionados ao uso de telas que podem interferir no desenvolvimento das crianças. Dessa forma, a análise da literatura poderá contribuir para uma visão mais ampla e fundamentada sobre o tema, fornecendo subsídios para a reflexão de profissionais, familiares e demais envolvidos no desenvolvimento infantil, além de contribuir para futuras pesquisas e discussões na área.

Assim, considerando a necessidade de compreender os possíveis efeitos desse uso e os diferentes achados presentes na literatura científica, surge o seguinte questionamento: Quais são as possíveis implicações do uso precoce e excessivo de telas no desenvolvimento infantil, de acordo com as evidências disponíveis na literatura científica?

Diante disso, o presente estudo tem como objetivo geral analisar os possíveis impactos do uso precoce e excessivo de telas no desenvolvimento infantil, em relação aos aspectos comportamentais, à cognição e à socialização. Especificamente, busca-se investigar as evidências científicas sobre a relação entre o tempo e a forma de exposição às telas e o desenvolvimento infantil; apresentar, a partir de evidências teóricas, como se dá o

desenvolvimento infantil nos aspectos comportamentais, cognitivos e sociais; e discutir as consequências do uso das telas no comportamento, na cognição e na socialização infantil.

REFERENCIAL TEÓRICO

Desenvolvimento infantil a partir de evidências teóricas

Compreender o desenvolvimento infantil hoje envolve admitir que a criança cresce em um cenário marcado pela presença de celulares, tablets, TVs e outros aparelhos eletrônicos, que alteram a rotina dos adultos e o modo como as crianças vivem suas primeiras experiências. Essa presença aparece nas descobertas, nas brincadeiras e nas interações cotidianas, que agora acontecem em ambiente virtual e físico. Há momentos em que essa presença abre novas possibilidades de aprendizado, mas em outros momentos parece dificultar a forma como a criança organiza suas experiências. Assim, o desenvolvimento não pode ser entendido sem considerar tanto seus aspectos internos quanto a influência desse contexto tecnológico, que molda suas maneiras de agir, aprender e compreender o mundo.

Inicialmente, a Psicologia é a ciência que investiga a mente e o comportamento, mas também se dedica a compreender a complexidade do mundo simbólico e as experiências subjetivas. Essa área foca em identificar os fatores que influenciam o bem-estar físico e psicológico dos indivíduos e como as pessoas constroem sentido para a própria vida, promovendo o autoconhecimento e o desenvolvimento pessoal. Nesse percurso, a psicologia ajuda no manejo de conflitos internos e das demandas externas, contribuindo para uma existência mais coerente com as necessidades e limites de cada pessoa (Queiroz; Kunz; Antunes, 2020).

Nesse contexto, o desenvolvimento humano é visto como um processo de constantes transformações no decorrer da vida. A psicologia do desenvolvimento dedica-se a estudar essas mudanças comportamentais, biológicas, sociais e psicológicas que ocorrem da infância à velhice. Assim, cada fase da vida é entendida como um processo dinâmico interligado a fatores que contribuem para a formação da identidade e da personalidade da pessoa (Gallo; Alencar, 2012).

Considerando esse processo, o comportamento passa por alterações no decorrer do desenvolvimento, conforme o indivíduo adquire novas habilidades que transformam a maneira de interagir com o mundo. Por exemplo, aprender a se comunicar permite à criança participar de interações em grupo e construir relações saudáveis. Dessa forma, a troca entre o indivíduo e

o ambiente molda o comportamento, contribuindo para a construção da autonomia e da compreensão do contexto em que vive (Filho *et al.*, 2019).

Além disso, o desenvolvimento cognitivo é essencial na formação infantil, uma vez que envolve a maneira como a criança dá sentido às coisas e compreende as informações com as quais entra em contato. Esse processo envolve funções como atenção, memória, linguagem e imaginação. À medida que interagem e respondem às situações cotidianas, as crianças vão ajustando suas percepções, aumentando a capacidade de resolver problemas e aprimorando habilidades socioemocionais, favorecendo a construção de novos aprendizados. Dessa forma, essas habilidades oferecem indícios sobre seu nível de maturidade cognitiva e sobre como essa maturidade repercute no desenvolvimento (Queiroz; Kunz; Antunes, 2020).

Ademais, o desenvolvimento humano é influenciado pelo contexto social, pois é nele que se estruturam as formas de convivência que orientam sua trajetória. Desde cedo, a criança constrói seus modos de comunicação, hábitos, conhecimentos e valores a partir das interações que estabelece, tornando as relações cruciais para seu crescimento. O meio social molda sua formação cultural e se reflete em práticas do dia a dia, influenciando desde comportamentos mais aparentes, como aprender a esperar sua vez em uma brincadeira, até interpretações mais sutis das situações que vivencia. Dessa maneira, o desenvolvimento infantil tende a ocorrer em constante diálogo com essas experiências, que contribuem para a criança ajustar gradualmente sua maneira de estar no mundo (Dillenburg *et al.*, 2017).

Dessa forma, o crescimento da criança ocorre de maneira contínua e inclui mudanças físicas, neurológicas e emocionais. Ele é determinado por influências biológicas, culturais e sociais, que moldam as experiências infantis e participam da formação da personalidade. Na infância, a criança passa por diversas situações de descoberta, como aprender a falar, vivenciando etapas importantes de aprendizagem e interação que ampliam sua compreensão do mundo e sua capacidade de conviver. Por isso, ambientes que oferecem estímulos variados, aliados à segurança e ao acolhimento, tendem a favorecer um desenvolvimento mais equilibrado nessa fase da vida (Tancredi *et al.*, 2022).

Ao observar o desenvolvimento infantil sob diferentes perspectivas, é perceptível que a criança não cresce sozinha. Ela se forma no contato diário com as pessoas, nas situações que enfrenta e nos espaços que frequenta, como a família, a escola e as brincadeiras. Esses ambientes oferecem oportunidades para que ela experimente, explore e construa sentidos sobre aquilo que vive. Entender esse processo significa reconhecê-la como alguém que está descobrindo o

ambiente que a cerca, entendendo que cada experiência vivida contribui para a construção de como ela se percebe e de como se relaciona com os outros.

METODOLOGIA

Tratou-se de uma revisão integrativa da literatura, de natureza bibliográfica, que teve como objetivo analisar e sintetizar as evidências científicas disponíveis acerca do uso precoce e excessivo de telas e suas repercussões no desenvolvimento infantil, considerando aspectos comportamentais, cognitivos e de socialização. A metodologia escolhida possibilitou a realização de uma busca abrangente de estudos e pesquisas, permitindo a análise e a integração dos conhecimentos disponíveis sobre a temática. De acordo com Souza, Silva e Carvalho (2010), a revisão integrativa possibilita a síntese do conhecimento produzido acerca de determinada temática, permitindo a inclusão de estudos com diferentes delineamentos metodológicos e proporcionando uma compreensão mais ampla do fenômeno investigado.

O processo de elaboração da revisão integrativa foi composto por seis etapas: elaboração da pergunta norteadora; organização dos critérios de inclusão e exclusão e realização da busca na literatura; caracterização dos dados a serem extraídos de cada estudo; análise dos estudos incluídos na pesquisa; interpretação dos resultados; e apresentação da revisão. A primeira etapa consiste na definição do problema e na formulação de uma questão de pesquisa relevante, sendo fundamental para a construção de uma revisão integrativa consistente, uma vez que possibilita delimitar o tema de maneira clara e específica, direcionando a pesquisa de forma abrangente e favorecendo a obtenção de conclusões de fácil compreensão e aplicabilidade (Mendes; Silveira; Galvão, 2019).

A pergunta norteadora foi formulada com base na estratégia PECO, que corresponde ao acrônimo das palavras população (P), exposição (E), comparação (C) e desfecho (O). No presente estudo, P correspondeu às crianças na primeira infância; E, ao uso precoce e excessivo de telas; C, à exposição reduzida ou adequada às telas; e O, às repercussões no desenvolvimento infantil. A partir disso, foi elaborada a seguinte questão norteadora: Quais são as possíveis implicações do uso precoce e excessivo de telas no desenvolvimento infantil, de acordo com as evidências disponíveis na literatura científica?

A busca bibliográfica foi realizada nas seguintes bases de dados: PubMed, Google Acadêmico e Scientific Electronic Library Online (SciELO). Foram utilizados descritores de busca baseados nos Descritores em Ciências da Saúde (DeCS), bem como os operadores

booleanos: "(desenvolvimento infantil AND tempo de tela) OR (socialização AND comportamento infantil) OR (cognição AND tecnologia)". Os mesmos descritores foram utilizados nas línguas portuguesa e inglesa, com o objetivo de ampliar a identificação de estudos relacionados à temática. Para o processo de busca, estabeleceu-se que os descritores deveriam estar contidos no resumo dos artigos encontrados.

A seleção dos estudos foi realizada a partir de critérios de inclusão e exclusão previamente estabelecidos, buscando manter a coerência com a questão norteadora da pesquisa. Foram incluídos artigos disponibilizados na íntegra, com livre acesso ao texto, relacionados ao tema proposto e publicados nas línguas portuguesa e inglesa. Foram excluídos os estudos que não estavam de acordo com o tema proposto.

Também foram selecionados artigos publicados nos últimos cinco anos, correspondentes ao período de 2022 a 2026. Estabeleceu-se esse período como referência tendo em vista o objetivo de mapear as publicações mais recentes acerca da temática investigada, contribuindo para uma análise atualizada das evidências científicas relacionadas às repercussões do uso precoce e excessivo de telas no desenvolvimento infantil.

A coleta dos dados foi realizada inicialmente por meio da busca dos estudos nas bases de dados selecionadas, utilizando as combinações dos descritores previamente estabelecidos. Após a identificação dos artigos, foi realizada a leitura dos títulos e resumos, sendo selecionados aqueles que atendiam aos critérios de inclusão e exclusão definidos para a pesquisa. Com isso, nessa primeira etapa, foram escolhidos 52 estudos. Posteriormente, os estudos selecionados foram submetidos à avaliação cega de dois juízes, mediante a leitura completa dos artigos recrutados após a triagem inicial, sendo selecionados 15 artigos que estavam de acordo com a temática, conforme demonstrado no fluxograma abaixo (Figura1):

Figura 1- Fluxograma de busca de dados



Fonte: Próprio autor (2026)

Os dados dos estudos incluídos foram organizados em uma planilha, contendo informações referentes ao título, autor e ano de publicação, objetivo e tipo de pesquisa. A organização dessas informações possibilitou a sistematização dos dados encontrados e favoreceu a comparação entre os estudos selecionados.

A análise dos estudos foi realizada por meio da Análise de Conteúdo proposta por Bardin (2015), seguindo as etapas de pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados, inferência e interpretação. Na etapa de pré-análise, foi realizada a leitura dos artigos selecionados, buscando identificar os conteúdos relacionados à questão norteadora. Na exploração do material, foram identificadas unidades de significado e agrupados os conteúdos semelhantes, possibilitando a organização dos achados em categorias temáticas.

As categorias temáticas foram organizadas de acordo com os objetivos da pesquisa, contemplando: 1) Benefícios do uso de telas para o desenvolvimento infantil; 2) Malefícios do uso excessivo de telas para o desenvolvimento infantil; e 3) Tempo de exposição, qualidade dos conteúdos e mediação familiar no uso de telas.

Por fim, os resultados foram tratados e interpretados de forma comparativa, buscando identificar convergências, divergências e relações entre os achados dos estudos selecionados, considerando também a relação entre o tempo e a forma de exposição às telas e o desenvolvimento infantil. A síntese dos resultados foi apresentada de forma descritiva, por meio de quadro e categorias temáticas, possibilitando uma melhor compreensão das principais

evidências encontradas na literatura acerca das repercussões do uso precoce e excessivo de telas sobre o desenvolvimento comportamental, cognitivo e social das crianças.

RESULTADOS

A busca nas bases de dados resultou, inicialmente, em 202.347 registros, sendo 97.700 provenientes do Google Acadêmico, 104.545 do PubMed e 102 da SciELO. Após a aplicação dos filtros e dos critérios de inclusão e exclusão estabelecidos na metodologia, foi realizada a seleção dos estudos nas etapas de identificação, seleção e elegibilidade. Ao final desse processo, 15 artigos foram selecionados para compor a pesquisa, dos quais 12 foram provenientes do Google Acadêmico, 02 da SciELO e 01 do PubMed. Os estudos selecionados foram considerados pertinentes ao objetivo da pesquisa, que consiste em analisar os possíveis impactos do uso precoce e excessivo de telas no desenvolvimento infantil, com ênfase nos aspectos comportamentais, cognitivos e sociais. Os artigos selecionados para a análise dos achados estão apresentados no Quadro 1, a seguir:

Quadro 1: Estudos classificados nas bases de dados, após aplicação dos critérios de inclusão e exclusão.

Identificação	Título do estudo	Autor / Ano	Objetivo	Tipo de pesquisa
01	Influência do uso de telas digitais no desenvolvimento social na primeira infância: estudo de revisão	Gondim, E.C. *et al.*, 2022.	Identificar os conhecimentos científicos sobre as influências do uso de telas digitais no desenvolvimento durante a primeira infância.	Revisão integrativa da literatura.
02	Consequências do uso excessivo de telas para a saúde infantil: uma revisão integrativa da literatura	Rocha, M.F.A. *et al.*, 2022.	Compreender o efeito do uso de telas na infância e suas consequências, para elaborar estratégias de prevenção.	Revisão integrativa da literatura.
03	Uso de tecnologia interativa e desenvolvimento	Arabiat, D. *et al.*, 2023.	Determinar o impacto do uso de dispositivos digitais interativos sobre o	Revisão sistemática.

Identificação	Título do estudo	Autor / Ano	Objetivo	Tipo de pesquisa
	infantil: uma revisão sistemática		desenvolvimento de crianças de até sete anos.	
04	Os impactos do uso de telas no desenvolvimento cognitivo infantil: uma breve revisão de literatura	Santos, P.C.G. *et al.*, 2024.	Analisar os impactos do uso de telas sobre o desenvolvimento cognitivo infantil.	Revisão da literatura.
05	Revisão sistemática sobre os efeitos da introdução precoce de dispositivos eletrônicos e de telas na fase infantil	Conceição, A.F.S. *et al.*, 2024.	Analisar os impactos da introdução precoce e do uso prolongado de dispositivos eletrônicos, além de identificar orientações sobre o uso saudável das tecnologias.	Revisão sistemática.
06	O tempo de tela na infância e suas implicações para a saúde física e mental: revisão integrativa	Chaves, B.S. *et al.*, 2024.	Identificar e avaliar evidências científicas sobre o tempo de tela na infância e suas implicações para a saúde física e mental.	Revisão integrativa da literatura.
07	Uso de telas em crianças – dois lados da moeda: uma revisão narrativa crítica	Souza, E.F. *et al.*, 2025.	Explorar os aspectos positivos e negativos do uso de telas no neurodesenvolvimento infantil, além de intervenções e perspectivas para o uso adequado.	Revisão narrativa crítica.
08	Excesso de telas e seu impacto no desenvolvimento infantil: uma revisão de literatura	Cardoso, D.S. *et al.*, 2025.	Compreender como a exposição precoce e prolongada a dispositivos digitais afeta o	Revisão narrativa da literatura.

Identificação	Título do estudo	Autor / Ano	Objetivo	Tipo de pesquisa
			desenvolvimento infantil.	
09	Influência do uso de telas no desenvolvimento na primeira infância: revisão narrativa de literatura	Dias, L.V.R.T.S. *et al.*, 2025.	Analisar a influência da exposição às telas sobre o desenvolvimento durante a primeira infância.	Revisão narrativa da literatura.
10	Os impactos neurofuncionais e comportamentais do uso excessivo de telas digitais em crianças: uma revisão integrativa	Schlottag, A.R.B. *et al.*, 2025.	Analisar os efeitos do uso excessivo de telas sobre o sistema neurofuncional e o comportamento infantil.	Revisão integrativa.
11	As consequências da exposição de telas no desenvolvimento neurocomportamental na infância: uma revisão integrada	Pinheiro, J.S.; Paz, F.M., 2025.	Avaliar as possíveis consequências da exposição excessiva às telas em crianças menores de seis anos.	Revisão integrativa da literatura.
12	O uso excessivo de telas e os seus impactos no desenvolvimento de crianças na primeira infância: uma revisão integrativa da literatura	Fontes, R.F.R.A., 2026.	Analisar os impactos negativos do uso precoce e excessivo de telas sobre o desenvolvimento de crianças na primeira infância.	Revisão integrativa, qualitativa e descritiva.
13	Os impactos do uso excessivo de telas na saúde física, mental e social de crianças e adolescentes: uma revisão integrativa	Costa, W.C. *et al.*, 2026.	Analisar os impactos do uso excessivo de telas na saúde física, mental, social e no desempenho escolar de crianças e adolescentes.	Revisão integrativa.

Identificação	Título do estudo	Autor / Ano	Objetivo	Tipo de pesquisa
14	Percepção dos cuidadores sobre o uso de telas digitais por crianças de diferentes estratos de vulnerabilidade social	Soares, A.R. *et al.*, 2026.	Compreender as percepções de cuidadores sobre o uso de telas por crianças de diferentes estratos de vulnerabilidade social.	Estudo qualitativo, com grupos focais e análise temática indutiva.
15	Os impactos da exposição das telas no desenvolvimento infantil na primeira infância: uma revisão de literatura	Lopes, E.G.; Azevedo, R.M., 2026.	Revisar a literatura científica sobre os efeitos da exposição às telas e identificar seus principais impactos no desenvolvimento infantil.	Revisão sistemática da literatura.

Fonte: Próprio autor (2026)

DISCUSSÃO

Benefícios do uso de telas para o desenvolvimento infantil

Ao olhar para a infância hoje, percebe-se que as telas fazem parte da vida das crianças. De acordo com Costa *et al.* (2026), muitas famílias se veem tentando entender até onde esse contato constante ajuda no desenvolvimento e em que momento começa a exigir maior atenção. Nesse contexto, compreender o impacto das telas envolve observar como cada criança reage ao ritmo acelerado do cotidiano, como lida com o excesso de estímulos que recebe e de que forma organiza suas experiências a partir disso. Essas mudanças não se manifestam da mesma forma em todas as crianças. Algumas conseguem lidar bem com a variedade de estímulos, enquanto outras demonstram maior agitação ou dificuldade em desacelerar. Por isso, antes mesmo de separar vantagens e riscos, é importante ampliar o olhar e lembrar que cada criança sente essas mudanças de um jeito próprio, marcado pelas experiências e pelo ambiente em que está crescendo.

Nesse contexto, as tecnologias digitais podem contribuir para a aprendizagem infantil quando utilizadas com objetivos educativos e conteúdos adequados à faixa etária. Jogos e aplicativos interativos, por exemplo, podem oferecer oportunidades de contato com conhecimentos e atividades que estimulam habilidades relacionadas à leitura, à matemática, à

memória e à resolução de problemas. Essa perspectiva é sustentada por Santos *et al.* (2024), que destacam o potencial da tecnologia para auxiliar a aprendizagem e estimular a criatividade, e por Arabiat *et al.* (2023), que apontam contribuições das tecnologias interativas para a aprendizagem infantil. Em conjunto, esses estudos sugerem que os recursos digitais podem complementar o processo educativo, desde que sua utilização considere as características das atividades propostas e as necessidades do desenvolvimento infantil.

Para além da aquisição de conhecimentos, o uso de recursos digitais também pode proporcionar oportunidades de exploração e expressão, favorecendo a criatividade e o desenvolvimento de diferentes habilidades cognitivas. Nessa perspectiva, Conceição *et al.* (2024) destacam que, quando utilizados de forma equilibrada e sob a orientação dos responsáveis, esses recursos podem contribuir para a aprendizagem e a aquisição de novas habilidades. Complementarmente, Schlottag *et al.* (2025) relacionam o uso consciente das tecnologias ao estímulo de capacidades como memória, atenção, linguagem e resolução de problemas. Em conjunto, essas contribuições permitem compreender que as experiências digitais podem oferecer estímulos variados ao desenvolvimento cognitivo. Entretanto, seus possíveis benefícios não decorrem apenas do contato com as telas, mas também das características dos conteúdos e das condições em que são utilizados.

No aspecto comportamental, a qualidade dos conteúdos acessados também merece atenção, pois a experiência digital não se limita à transmissão de informações, podendo apresentar modelos de atitudes e formas de interação. Nesse sentido, Chaves *et al.* (2024) apontam que a substituição de programas com conteúdo violento por produções educativas que incentivam atitudes positivas pode contribuir para a melhora de determinados comportamentos infantis. Essa evidência amplia a compreensão dos possíveis benefícios das telas, indicando que as características do conteúdo podem ser relevantes para as experiências e os comportamentos das crianças. Desse modo, a seleção de materiais digitais pode representar um aspecto importante da experiência infantil, embora os resultados relacionados a determinados conteúdos não permitam concluir que toda exposição educativa produza, necessariamente, mudanças comportamentais positivas.

Entretanto, as possibilidades de contribuição das telas precisam ser compreendidas em conjunto com as demais experiências necessárias ao desenvolvimento infantil. Embora os recursos digitais possam complementar a aprendizagem e oferecer estímulos diversificados, não devem substituir as brincadeiras, a movimentação corporal e a convivência com outras

pessoas. Nessa perspectiva, Rocha *et al.* (2022) destacam a importância de experiências que permitam à criança explorar o ambiente, comunicar-se e interagir socialmente, enquanto Dias *et al.* (2025) ressaltam a relevância da definição de limites para o uso das telas e do incentivo às atividades físicas e às interações presenciais. Essas perspectivas reforçam que os recursos digitais podem integrar as experiências de aprendizagem e desenvolvimento, mas não devem ocupar o lugar das interações presenciais e das atividades próprias da infância. Assim, a compreensão dos benefícios das telas exige considerar sua utilização como parte de um conjunto diversificado de experiências, de modo que as possibilidades oferecidas pela tecnologia sejam conciliadas com as necessidades cognitivas, comportamentais e sociais das crianças.

Malefícios do uso excessivo de telas para o desenvolvimento infantil

Embora as tecnologias digitais possam oferecer oportunidades de aprendizagem, seu uso precoce e excessivo pode comprometer experiências importantes para o desenvolvimento infantil, especialmente nos primeiros anos de vida. Nessa fase, a criança desenvolve habilidades por meio da exploração do ambiente, das brincadeiras e das interações com outras pessoas, que permitem experimentar, observar e construir conhecimentos. Essa compreensão se aproxima da perspectiva de Piaget, apresentada por Santos *et al.* (2024), segundo a qual o desenvolvimento cognitivo está relacionado à interação da criança com o meio e às experiências que vivencia. Assim, a preocupação com o uso excessivo de telas não se restringe ao tempo de exposição, mas também envolve as experiências que podem ser reduzidas quando os dispositivos passam a ocupar uma parcela significativa da rotina.

Além da possível redução dessas experiências, o uso excessivo de telas pode estar associado a repercussões em diferentes dimensões do desenvolvimento infantil. Conceição *et al.* (2024) acrescentam que o uso excessivo e sem acompanhamento pode estar associado a dificuldades na regulação emocional e na concentração, bem como a alterações no sono. Essas contribuições indicam a importância de considerar como a presença das telas interfere nas oportunidades de aprendizagem e interação disponíveis durante a infância.

No desenvolvimento cognitivo e comportamental, uma das preocupações discutidas na literatura diz respeito à maneira como a exposição frequente a conteúdos rápidos e altamente estimulantes pode se relacionar com a atenção e com a resposta da criança às atividades cotidianas. Fontes (2026) aponta que o consumo frequente desse tipo de conteúdo pode

dificultar a permanência em tarefas que exigem concentração por períodos mais prolongados. Essa questão também aparece na discussão de Schlottag *et al.* (2025), que relacionam o uso excessivo a dificuldades de atenção, memória, controle dos impulsos e regulação comportamental.

Ao aproximar esses apontamentos, observa-se que as dificuldades não se limitam ao desempenho em atividades de aprendizagem, podendo envolver também situações que exigem paciência, persistência e capacidade de lidar com limites. Uma criança habituada a estímulos frequentes e imediatos, por exemplo, pode demonstrar impaciência diante de atividades que demandam espera ou continuidade. Entretanto, tais comportamentos não podem ser atribuídos exclusivamente ao uso de telas, sendo necessário considerar as características da exposição e os fatores individuais e ambientais que participam do desenvolvimento infantil.

As possíveis repercussões também se estendem à linguagem, cujo desenvolvimento depende das oportunidades de utilizá-la em situações reais de comunicação. Nas interações presenciais, a criança aprende a reconhecer expressões faciais, gestos e entonações, além de perceber como suas falas e ações provocam respostas nas outras pessoas. Costa *et al.* (2026) discutem possíveis relações entre a exposição excessiva às telas e dificuldades no desenvolvimento linguístico, destacando também a importância das experiências familiares e sociais para a comunicação. De maneira complementar, Gondim *et al.* (2022) abordam possíveis atrasos na linguagem e dificuldades de interação entre os aspectos associados à exposição precoce e sem limites. Nesse contexto, quando o uso dos dispositivos reduz o tempo dedicado às conversas e às brincadeiras compartilhadas, a criança pode ter menos oportunidades de ampliar o vocabulário, organizar o pensamento por meio da fala e exercitar a comunicação. Isso não significa que toda exposição às telas provoque atrasos, mas evidencia a importância de avaliar se o uso dos dispositivos está substituindo experiências comunicativas fundamentais, sobretudo nos primeiros anos de vida.

No campo social, a redução das interações presenciais pode afetar as oportunidades de aprendizagem necessárias à convivência, como compartilhar, negociar, reconhecer as necessidades dos outros e lidar com situações de conflito. Gondim *et al.* (2022) relacionam a exposição excessiva a menores oportunidades de socialização e a dificuldades socioemocionais, enquanto Rocha *et al.* (2022) ressaltam a contribuição das trocas presenciais para o desenvolvimento da linguagem, da cognição e das habilidades sociais. Essas discussões ampliam a análise ao demonstrar que a interação não representa apenas uma atividade

complementar, mas um contexto no qual diferentes competências são construídas e exercitadas.

Nesse processo, o ambiente familiar também merece atenção, uma vez que os cuidadores participam da organização das experiências cotidianas e constituem referências para a aprendizagem social. Costa *et al.* (2026) destacam a influência dos modelos parentais e das relações familiares, aspecto relevante para compreender como os hábitos dos adultos podem repercutir nas formas de convivência infantil. Além disso, o uso frequente de dispositivos para manter a criança quieta em casa ou em espaços públicos pode reduzir ocasiões de conversa, brincadeira e participação no ambiente. Dessa maneira, os possíveis impactos sociais precisam ser analisados considerando tanto o comportamento da criança diante da tela quanto as oportunidades de interação proporcionadas pelo contexto familiar e social.

Além das possíveis repercussões cognitivas, linguísticas e sociais, o uso excessivo de telas também tem sido associado a alterações no sono e a dificuldades emocionais. Costa *et al.* (2026) discutem possíveis associações com ansiedade, tristeza e dificuldades de concentração, enquanto Conceição *et al.* (2024) destacam preocupações relacionadas à regulação emocional e ao sono. Essas dimensões podem estar interligadas, uma vez que dificuldades para dormir podem afetar a disposição e a atenção da criança durante o dia. Da mesma forma, manifestações como irritabilidade, impaciência e baixa tolerância à frustração podem interferir nas interações cotidianas. Entretanto, esses comportamentos são influenciados por diferentes fatores, de modo que sua ocorrência não deve ser atribuída exclusivamente à exposição às telas.

Tempo de exposição, qualidade dos conteúdos e mediação familiar no uso de telas

A discussão sobre o uso de telas na infância exige considerar não apenas a duração da exposição, mas também a maneira como os dispositivos são incorporados à rotina familiar. Pinheiro e Paz (2025) observam que esse contato pode começar nos primeiros meses de vida, sendo frequentemente utilizado pelos responsáveis como recurso de entretenimento e distração. Essa prática merece atenção quando o dispositivo passa a ocupar o espaço de atividades próprias da infância e importantes para o desenvolvimento. Nesse sentido, Cardoso *et al.* (2025) ressaltam a importância de limitar e supervisionar o uso dos dispositivos, considerando as possíveis implicações da exposição prolongada para o desenvolvimento. Desse modo, a avaliação desse hábito deve identificar quantas horas a criança permanece diante das

telas, além de compreender o lugar que essa experiência ocupa em seu cotidiano e quais outras atividades deixam de ser priorizadas.

Além do tempo de exposição, a qualidade dos conteúdos acessados e a mediação dos adultos são aspectos relevantes para compreender as experiências digitais na infância. Lopes e Azevedo (2026) destacam que as repercussões do uso da tecnologia dependem da maneira como ela é incorporada à rotina infantil e do acompanhamento oferecido pelos responsáveis. Em consonância com essa perspectiva, Souza *et al.* (2025) reconhecem o potencial dos recursos digitais para contribuir com a aprendizagem, desde que os conteúdos sejam selecionados de acordo com a faixa etária e seu uso ocorra dentro de limites adequados. Essas considerações evidenciam que as experiências digitais variam conforme as características do material acessado e as condições em que ocorre sua utilização, distinguindo-se, por exemplo, o contato com conteúdos educativos daquele com materiais inadequados ou consumidos sem supervisão. Portanto, a avaliação do uso infantil precisa considerar tanto a duração quanto as características do material acessado, sem pressupor que todo conteúdo digital seja necessariamente benéfico ou prejudicial.

Além disso, a qualidade da experiência digital infantil também está relacionada às condições de acompanhamento oferecidas pelos responsáveis. Soares *et al.* (2026) apontam que algumas famílias recorrem às telas para manter as crianças ocupadas enquanto realizam tarefas domésticas, o que pode favorecer períodos prolongados de exposição e dificultar o monitoramento dos conteúdos acessados. Os autores também discutem que o conhecimento dos cuidadores sobre as recomendações de uso e os possíveis impactos das telas pode ser limitado, o que indica que a ausência de supervisão nem sempre decorre de desinteresse, podendo estar relacionada à falta de informação e às demandas cotidianas. Nesse contexto, Cardoso *et al.* (2025) reforçam a importância da supervisão adulta. Assim, a orientação às famílias deve abranger a definição de limites para o tempo de exposição, a seleção de conteúdos adequados à idade e o acompanhamento do que as crianças acessam.

Outro aspecto relevante diz respeito à influência dos hábitos dos adultos sobre a relação das crianças com as tecnologias. Soares *et al.* (2026) discutem essa influência a partir da tecnointerferência, caracterizada pela interferência dos dispositivos nas relações interpessoais. De forma complementar, Pinheiro e Paz (2025) apontam dificuldades enfrentadas por alguns responsáveis para estabelecer limites ao uso infantil quando eles próprios permanecem muito tempo conectados. Essas considerações evidenciam que as práticas digitais das crianças

também precisam ser compreendidas à luz dos comportamentos e das relações presentes no ambiente familiar, uma vez que os hábitos dos adultos podem servir de referência para a construção dessas práticas. Nesse contexto, a mediação familiar envolve estabelecer limites compatíveis com a idade, acompanhar os conteúdos acessados e preservar momentos de convivência em que a interação entre os familiares não seja frequentemente interrompida pelos dispositivos.

CONCLUSÃO

A presente revisão integrativa teve como objetivo analisar as possíveis implicações do uso precoce e excessivo de telas no desenvolvimento infantil, considerando os aspectos comportamentais, cognitivos e sociais. A partir da análise dos estudos selecionados, foi possível identificar que a presença das tecnologias digitais na infância apresenta diferentes repercussões, que variam conforme o tempo de exposição, a qualidade dos conteúdos acessados e as condições em que esse uso ocorre. Dessa forma, os achados evidenciam que a relação entre as telas e o desenvolvimento infantil deve ser compreendida considerando tanto as possibilidades oferecidas pelos recursos digitais quanto os riscos associados à sua utilização inadequada.

No aspecto cognitivo, os estudos apontaram possíveis associações entre a exposição excessiva às telas e dificuldades relacionadas à atenção, concentração, memória, linguagem e aprendizagem. No âmbito comportamental, foram identificadas relações com alterações na regulação emocional, irritabilidade, impulsividade e dificuldades para lidar com situações que exigem espera e tolerância à frustração. Quanto ao desenvolvimento social, os resultados destacaram que a redução das interações presenciais pode limitar oportunidades importantes para a comunicação, a convivência e a construção de habilidades sociais. Esses achados reforçam a importância das experiências cotidianas, das brincadeiras e das relações interpessoais para o desenvolvimento infantil.

Entretanto, os resultados também demonstraram que as tecnologias digitais não representam, necessariamente, um fator prejudicial, uma vez que, quando utilizadas de maneira equilibrada, com conteúdos adequados à faixa etária e objetivos educativos, podem favorecer a aprendizagem, a criatividade e o desenvolvimento de determinadas habilidades. Nesse sentido, compreende-se que os possíveis efeitos da exposição não dependem exclusivamente do contato com os dispositivos, mas também da duração, da qualidade das experiências digitais e da participação dos responsáveis nesse processo.

Diante disso, destaca-se a importância da mediação familiar na construção de hábitos digitais saudáveis, por meio do estabelecimento de limites, da supervisão dos conteúdos acessados e da participação dos adultos nas experiências tecnológicas das crianças. O guia publicado pelo Governo Federal (Brasil, 2025) destaca a importância do acompanhamento dos responsáveis e da valorização de experiências que favoreçam o desenvolvimento infantil. Assim, torna-se fundamental incentivar a convivência familiar, as brincadeiras livres, as atividades físicas e as interações presenciais, evitando que o uso dos dispositivos substitua vivências essenciais dessa fase da vida.

Por fim, considera-se que a discussão sobre o uso de telas na infância representa uma questão relevante para familiares, profissionais da saúde e da educação, especialmente diante da presença cada vez mais precoce desses recursos no cotidiano infantil. Ressalta-se, ainda, a necessidade de ampliar as pesquisas sobre a temática, considerando as diferentes faixas etárias e os fatores que influenciam essa relação, a fim de aprofundar a compreensão de suas repercussões no desenvolvimento. Portanto, mais do que restringir o acesso às tecnologias, é necessário promover o uso consciente, equilibrado e acompanhado, de modo que os recursos digitais possam integrar a rotina das crianças sem comprometer as experiências fundamentais para seu desenvolvimento comportamental, cognitivo e social.

REFERÊNCIAS

ARABIAT, Diana *et al.* Interactive technology use and child development: a systematic review. **Child: Care, Health and Development**, v. 49, n. 4, p. 679–715, 2023.

ARAÚJO, Isabella Francisca Monteiro de et al. O impacto da exposição a telas no desenvolvimento infantil: evidências e recomendações práticas. **Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences,** v. 6, n. 11, p. 3938–3949, 2024.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2015.

BRASIL. Presidência da República. Secretaria de Comunicação Social. **Crianças, adolescentes e telas:** guia sobre usos de dispositivos digitais. Brasília, DF: Presidência da República, 2025.

CARDOSO, Daiane de Santana *et al.* Excesso de telas e seu impacto no desenvolvimento infantil: uma revisão de literatura. **Práxis em Saúde**, v. 3, n. 2, p. 1-9, 2025.

CHAVES, Bárbara Santos *et al.* O tempo de tela na infância e suas implicações para a saúde física e mental: revisão integrativa. **Research, Society and Development**, v. 13, n. 7, e8413746333, 2024.

CONCEIÇÃO, André Felipe de Santana *et al.* Revisão sistemática sobre os efeitos da introdução precoce de dispositivos eletrônicos e de telas na fase infantil. **Sociedade Brasileira de Computação**, 2024.

COSTA, Wallison Carvalho da *et al.* Os impactos do uso excessivo de telas na saúde física, mental e social de crianças e adolescentes: uma revisão integrativa. **Revista Tópicos**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 32, p. 1-23, 2026.

DIAS, Laís Valentina Resnauer Taques da Silva *et al.* Influência do uso de telas no desenvolvimento na primeira infância: revisão narrativa de literatura. **Revista Tópicos**, v. 3, n. 19, p. 1-14, 2025.

DILLENBURG, Andreia Ines *et al.* Vulnerabilidade social e desenvolvimento infantil: um olhar a partir da teoria histórico-cultural e da neurociência. **Inclusão Social:** um olhar sobre o desenvolvimento infantil. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, p. 279-294, 2017.

FILHO, Hernando Borges Neves. *et al*. Uma proposta conceitual para o estudo comportamental do desenvolvimento e criatividade individual: a árvore de comportamentos. **Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva**, v. 21, n. 3, p. 350–371, 2019.

FONTES, Rosário de Fátima Ribeiro Alves. **O uso excessivo de telas e os seus impactos no desenvolvimento de crianças na primeira infância: uma revisão integrativa da literatura**. 2026. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) – Centro Universitário de Patos, Patos, PB, 2026.

FUNDAÇÃO MARIA CECILIA SOUTO VIDIGAL. **Primeira infância e brincar livre:** exposição a telas ainda é alta entre crianças de zero a seis anos. 9 set. 2025.

GALLO, Alex Eduardo; ALENCAR, Juliana da Silva Araújo. **Psicologia do desenvolvimento da criança.** Maringá: Centro Universitário de Maringá – CESUMAR, 2012.

GONDIM, Ellen Cristina *et al.* Influências do uso de telas digitais no desenvolvimento social na primeira infância: estudo de revisão. **Revista Enfermagem UERJ**, v. 30, n. 1, e67961, 2022.

LOPES, Emily Gomes; AZEVEDO, Raquel de Moraes. Os impactos da exposição das telas no desenvolvimento infantil na primeira infância: uma revisão de literatura. **Revista Acadêmica da Lusofonia**, v. 3, n. 13, p. 1-11, 2026.

MARAGNI, Camila Vargas. **Exposição excessiva às telas e suas consequências para o desenvolvimento infantil.** 2022. 66 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) – Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2022.

MENDES, Karina Dal Sasso; SILVEIRA, Renata Cristina de Campos Pereira; GALVÃO, Cristina Maria. Uso de gerenciador de referências bibliográficas na seleção dos estudos primários em revisão integrativa. **Texto & Contexto-Enfermagem**, v. 28, 2019.

PINHEIRO, Júlia da Silveira; PAZ, Fernanda Marques. As consequências da exposição de telas no desenvolvimento neurocomportamental na infância: uma revisão integrativa. **Trajetória Multicursos**, v. 18, n. 1, 2025.

QUEIROZ, Norma Lúcia Neris de; KUNZ, Sidelmar Alves da Silva; ANTUNES, Josiene Camelo Ferreira. A relação da psicologia com o desenvolvimento e a aprendizagem. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**, ano 5, vol. 8, ed. 10, p. 23–44, out. 2020.

ROCHA, Maressa Ferreira de Alencar *et al.* Consequências do uso excessivo de telas para a saúde infantil: uma revisão integrativa da literatura. **Research, Society and Development**, v. 11, n. 4, e39211427476, 2022.

SANTOS, Isabella dos; PEREIRA, Elso Alves. Relação entre negligência na infância e o desenvolvimento cognitivo na perspectiva cognitivo-comportamental. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, São Paulo, v. 10, n. 11, p. 7973–7986, nov. 2024.

SANTOS, Poliana Canuto Galo dos *et al.* Os impactos do uso de telas no desenvolvimento cognitivo infantil: uma breve revisão de literatura. **Cuadernos de Educación y Desarrollo**, v. 16, n. 11, p. 1-16, 2024.

SCHLOTTAG, Andressa Ribeiro Bueno *et al.* Os impactos neurofuncionais e comportamentais do uso excessivo de telas digitais em crianças: uma revisão integrativa. **Revista Gestão & Saúde**, v. 28, n. 1, p. 1230-1249, 2025.

SILVA, Natalia Querino da; SOUZA, Rosa Cristina Ferreira de. **Percepção dos pais sobre o uso de aparelhos eletrônicos por crianças de 6 aos 12 anos no contexto da COVID-19**. 2021. Artigo resultante de Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) – Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL, Tubarão, 2021.

SOARES, Anniely Rodrigues *et al.* Percepções dos cuidadores sobre o uso de telas digitais por crianças de diferentes estratos de vulnerabilidade social. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 79, p. e20250075, 2026.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA. **Manual de Orientação:** Exposição de Crianças e Adolescentes a Telas. Rio de Janeiro: SBP, 2024.

SOUZA, Byanka Firmino Martins de; MORAES, Glauco Rafael Coelho. O impacto do uso excessivo de telas no desenvolvimento infantil: uma abordagem comportamental. **Revista Tópicos**, v. 3, n. 19, 2025.

SOUZA, Everton Ferreira de *et al.* Screen use in children – two sides of the coin: a critical narrative review. **Dementia & Neuropsychologia**, v. 19, p. e20240173, 2025.

SOUZA, Marcela Tavares de; SILVA, Michelly Dias da; CARVALHO, Rachel de. **Revisão integrativa:** o que é e como fazer. Einstein (São Paulo), v. 8, n. 1, p. 102-106, 2010.

TANCREDI, Cleunice Carvalho da Rosa *et al.* O desenvolvimento infantil. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, São Paulo, v. 8, n. 2, p. 1801–1813, fev. 2022.

TEIXEIRA, Alcylanna Nunes; LÔBO, Karla Rossana Gomes; DUARTE, Ana Teresa Camilo. A criança e o ambiente social: aspectos intervenientes no processo de desenvolvimento na primeira infância. **Id on Line Revista Multidisciplinar e de Psicologia**, São Paulo, v. 10, n. 31, supl. 2, p. 114–134, set./out. 2016.